

NOVO HAMBURGO

FALA GALERA

#5

Emeb Imperatriz: um celeiro de pequenos pesquisadores

FOTOS FRANCINE SILVA/GES-ESPECIAL



Na Escola Municipal de Educação Básica (Emeb) Imperatriz Leopoldina, no bairro Ideal, a pesquisa é algo que está incrustado no DNA. Assim como a preocupação com o meio ambiente e a sustentabilidade. Na escola de cerca de 280 alunos da Faixa Etária 4 ao 4º Ano, os estudantes são incentivados a perguntar. E foi a partir desses questionamentos que a turma do 4º Ano está desenvolvendo sete trabalhos de pesquisa ao mesmo tempo. Divididos em grupos, os alunos se debruçam sobre temas como a tecnologia de localização espacial, animais vertebrados e invertebrados, a dengue e, inclusive, a catástrofe climática que atingiu o Rio Grande do Sul neste mês. De acordo com a professora Flávia Silva, a turma é muito ativa. "No ano passado, inclusive, o resultado da investigação da turma foi parar na Mostratéc", conta.

Após ver a casa da avó ser atingida pela enchente, a pequena Helena Perego, 9 anos, decidiu estudar sobre o respeito ao planeta junto com outras três colegas. "Uma parte do nosso trabalho é ensinar as turmas menores a como separar o lixo", conta.

Além dos temas em estudo agora, os alunos também se envolveram numa pesquisa sobre as abelhas Jataí, que habitam a escola e se enroscam nos cabelos das crianças. "Elas descobriram que são abelhas sem ferrão e que produzem um mel ainda mais doce", destaca a diretora Carolina Fleck.

Bueiro na calçada da escola recebeu pintura para chamar a atenção sobre respeito ao meio ambiente



A presença de abelhas da espécie Jataí foi tema de pesquisa dos alunos, que descobriram que elas não têm ferrão e produzem um mel delicioso



Alunos escolheram quais seriam os destinos dos sonhos

Desbravando o mundo com o passaporte da imaginação na São Jacó

No primeiro dia de aula, a professora Rosimeri Quintana Garcia se vestiu de comissária para convidar os alunos a desbravar o mundo. Foi assim que ela apresentou o mapa mundi e os continentes para os 28 alunos da turma do 3º Ano da Emeb São Jacó, em Hamburgo Velho. Naquele primeiro dia, os estudantes colocaram, nos passaportes entregues pela professora-comissária, os últimos passeios realizados em família e as viagens que desejariam fazer no futuro. E foi assim que eles desbravaram o planeta e conheceram mais sobre cidades como Rio de Janeiro, Paris e Nova York. Como também países como Estados Uni-

dos, Japão, China e Alemanha. Além de destinos clássicos, como a Disney em Orlando.

Toda essa viagem ao redor do mundo foi o pano de fundo para despertar o interesse dos pequenos nos diferentes continentes e culturas. "Com as pesquisas, eles conseguiram aprender sobre distância, pertencimento, valores das diferentes culturas, além de estudarem sobre o sistema de outros países, incluindo economia, com as diferentes moedas", detalha a professora.

A coordenadora pedagógica Paula Dapper destaca que é através de projetos de pesquisas como esse que se desenvolve a aprendizagem na escola.



A professora Rosimeri Quintana Garcia (acima) se vestiu de comissária (ao lado) para incentivar os alunos a embarcar nessa viagem pelo conhecimento

Mosquito da dengue desperta a curiosidade na Emei Vovô Werno



A professora Bianca Rodrigues com os alunos da FE3

A quantidade de repelente aplicada pela equipe da Escola Municipal de Educação Infantil (Emei) Vovô Werno, no bairro Vila Nova, chamou a atenção dos alunos da professora Bianca Rodrigues. E foi a partir da curiosidade dos pequenos sobre o que estava motivando essa proteção toda que a educadora começou a desenvolver, junto aos alunos, a investigação sobre o tal do mosquito da dengue, o "sr. Aedes Aegypti". A pesquisa culminou em um "bichodário" em sala de aula, com vários exemplares de insetos trazidos pelos alunos.

Desenvolvida no pico dos casos da dengue no Rio Grande do Sul, a pesquisa tentou responder o porquê, afinal, era necessário passar tanto repelente. "Como estávamos no auge dos casos, muitos alunos contavam que seus familiares tinham sido picados pelo mosquito", recorda a professora.

A investigação contou, inclusive, com uma imersão ao pátio da escola para procurar possíveis focos do Aedes. "E acabamos encontrando um mosquito. Colocamos ele num vidrinho e começamos a analisá-lo através do microscópio. Foi assim que nasceu nosso bichodário", recorda.

O interesse das crianças foi tanto que a pesquisa culminou com a confecção de repelentes caseiros feitos pelos alunos e que serão entregues aos pais nos próximos dias.



A professora Bianca Rodrigues (acima) no espaço do "bichodário" e, ao lado, o cartaz com o registro do início da pesquisa dos alunos